

LUIGI E LUCE FABBRI uma ética da liberdade

LUIGI AND LUCE FABBRI an ethics of freedom

Margareth Rago
Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Este artigo apresenta a trajetória ética e política dos militantes e anarquistas italianos Luigi e sua filha Luce Fabbri. Aborda as relações familiares estabelecidas entre ambos, mostrando como seu cotidiano era atravessado pelos valores anarquistas e pela presença marcante de Errico Malatesta, com quem Luigi estabeleceu intenso convívio. Esses fatos repercutiram fortemente na vida adulta de Luce, especialmente durante a ascensão do fascismo, quando pai e filha partem da Europa para o exílio, no Uruguai. A partir da dimensão existencial dos dois anarquistas, enfatizo a maneira pela qual, no anarquismo, a transformação política envolve bem mais que mudanças exteriores ou intervenções na vida pública: implica igualmente a elaboração da própria subjetividade.

Palavras-chave: subjetividade, estéticas da existência, anarquismo, antifascismo

Abstract

This article presents the ethical and political trajectory of the Italian anarchists Luigi and his daughter Luce Fabbri. It discusses the relationship established between them, showing how their lives were crossed by anarchist values, and by the remarkable presence of Errico Malatesta, with whom Luigi established intense conviviality, while experiencing important political moments. These events had strong impacts on Luce's later adulthood, principally during the rise of fascism, when they left Europe in exile to South America. By considering the modes of existentialism created by these two anarchists, I emphasize how in anarchism, political transformation involves not only external or public changes, but equally affects the elaboration of one's subjectivity itself.

Keywords: subjectivity, aesthetics of existence, anarchism, antifascism

Introdução

Um projeto político comum atravessou de ponta a ponta a forte relação de amizade e companheirismo estabelecida entre Luigi e Luce Fabbri: para além do vínculo afetivo unindo fortemente pai e filha, ali se encontraram dois ativistas políticos, convencidos de que o anarquismo poderia trazer respostas positivas aos problemas, dificuldades e crises do mundo contemporâneo. Cada um a seu modo, dedicaram suas vidas à luta antifascista e à construção de uma ética fundada na liberdade, na igualdade, na solidariedade e na justiça social.

Imagens da infância libertária

Em se tratando de Luce Fabbri – nascida em Roma, em 1908 e falecida em Montevidéu, em 2000 –, não há como negar a importância da origem familiar e, principalmente, da forte presença do pai, que adere ao movimento anarquista desde a juventude. Luigi nasceu em Fabriano, próximo a Ancona, na Itália, em 1877, em uma família de farmacêuticos, carreira que ele inicia, mas logo abandona, passando a dedicar-se de peito aberto à militância revolucionária. Luce, tendo crescido em meio às lutas operárias do período e convivendo com muitos ativistas políticos desde pequena, relê orgulhosa a sua história e analisa a sua formação pessoal como um constante aprendizado da liberdade, desde a infância, como afirma num dos depoimentos que me concedeu em sua casa, no bairro Unión, em Montevidéu:

Quer dizer que a liberdade começou desde o primeiro dia, sem faixas e as tradicionais restrições que se impunham aos nenês, pequenas múmias egípcias. Eu não conheci faixas...as outras mulheres diziam à minha mãe que eu iria quebrar, que era perigosíssimo... (Fabbri apud Rago, 2001, p. 3).

Atento e zeloso quanto à formação dos filhos, Luigi recusava-se a impor-lhes as suas próprias ideias e, sobretudo, negava-se a proibir, procurando, ao contrário, aconselhar, sugerir e orientar. Acreditava que o anarquismo deveria realizar-se já no seio da família, como uma primeira forma de criação ético-política: “pense, deve refletir; não lhe peço obediência, mas que reflita”, costumava repetir aos filhos¹.

Dessa primeira experiência libertária, vivida nos inícios do século XX, num momento em que se afirmava a educação autoritária moderna e laica, Luce

¹ Veja-se depoimento de Luce Fabbri (1981).

colhe os frutos para o futuro. Quando se torna professora de História, nos colégios de Montevideu, no Uruguai, ou como docente de Literatura Italiana, na Universidad de la Republica, nessa mesma cidade, não busca a disciplina, a submissão e a obediência cega dos estudantes, como faziam muitos professores de sua geração; ao contrário, quer ser questionada, desafiada, quer fazer pensar, estabelecer diálogos e abrir horizontes para os/as jovens.

Outro importante aspecto a ser destacado na referência paterna de Luce refere-se à enorme admiração que Luigi nutria por Errico Malatesta, e que inevitavelmente marca também a vida de sua filha, desde o seu primeiro encontro com o revolucionário, aos 5 anos de idade. Irreverente, o anarquista italiano logo assume uma atitude de contestação da autoridade da avó, que insistia para que a neta ficasse quieta e se comportasse diante daquele senhor. Essa experiência fica marcada para sempre em sua memória, como ela mesma afirma. Aliás, a amizade e a admiração para com a figura tão marcante de Malatesta, muito citado nas rodas de amigos e conhecidos, intensificam-se progressivamente, à medida que Luce passa a compreender melhor as questões políticas e sociais do mundo em que vivia. Assim, ao se transportar, em seu trabalho de memorização, para o ano de 1914, ainda na Itália, ela observa: “Malatesta foi muito importante, eu já o conhecia, tinha ido a Roma, meu pai estava exilado na Suíça; em Roma, foi visitar-me quando eu tinha cinco ou seis anos: essa é a primeira recordação que tenho de Malatesta.” (Fabbri apud Rago, 2001, p. 34-35).

Cinco anos depois, quando se reencontram, o militante anarquista deixa

[...] uma forte impressão em todos nós, pela forte comoção que despertou na cidade...quando chegava Malatesta, nessa atmosfera revolucionária, em Bolonha... Ah! sim, ele era chamado de o ‘Lênin da Itália’. Teve muita popularidade, quando chegava e fazia um meeting (Fabbri apud Rago, 2001, p. 35).

Em 1919, quando Luce tinha 11 anos, o então famoso libertário retorna à sua casa, vindo do exílio em Londres. Trazia brinquedos mecânicos para ela e seu irmão Vero, peças metálicas que encantavam, excitavam a imaginação, forçando um quebra-cabeças para montar, desmontar e remontar. Assim, narra Luce com grande carinho: “Malatesta foi uma espécie de avô, quando ele chegava era uma festa, se punha a jogar, era capaz de sentar-se no chão e ficava uma hora jogando conosco...então, nós o queríamos muitíssimo.” (Fabbri apud Rago, 2001, p. 34).

Ética, subjetividade e política

Se a construção de uma ética libertária esteve desde cedo presente no horizonte de Luigi e Luce, manifestando-se muito além da militância política propriamente dita, é acima de tudo nessa própria atividade que se explicita e ganha contornos mais elaborados. Experiência prática e teórica tratava-se para ambos de praticar os princípios anarquistas em todos os momentos da vida cotidiana, de lutar contra o autoritarismo, de denunciar todas as formas de poder registradas e vivenciadas, não apenas nas ocasiões reservadas especificamente ao ativismo político. Afinal, para os anarquistas, como se observa em toda a sua longa história, a transformação política envolve não apenas mudanças no mundo exterior ou intervenções na vida pública, mas a elaboração da própria subjetividade, isto é, a crítica dos preconceitos, concepções e do regime de verdades que foram internalizados ou subjetivados ao longo da existência.

Subjetividade e política se unem, pois – mesmo que a clara percepção desse movimento só tenha se dado a partir da década de 1970, quando um vocabulário teórico específico e mais adequado foi adquirido com a entrada em cena e difusão do pós-estruturalismo e de autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Felix Guattari². O trabalho sobre a própria subjetividade sempre foi considerado fundamental para o estabelecimento de relações solidárias e afetivas com o outro, no ideário anarquista. Assim, tornar-se anarquista passa por um amplo processo tanto de cuidado e conhecimento de si como de cuidado com o outro, como haviam ensinado os antigos gregos, que foram, aliás, referências fundamentais para os libertários no século XIX.

Aqui vale introduzir algumas considerações a partir das análises desenvolvidas por Michel Foucault, em especial, nos últimos anos de sua vida³. Como mostra ele, nas discussões que desenvolve sobre as “estéticas da existência” ou “artes do viver” dos antigos, formar o cidadão, na Antiguidade Clássica, passava por auxiliar o jovem na conquista da própria autonomia, nodesenvolvimento da sua capacidade de autogovernar-se e construir uma “vida bela”, temperante, verdadeira, ao contrário da formação pautada pela obediência e submissão dos jovens, instaurada desde o cristianismo e aperfeiçoada na Modernidade⁴. Para os gregos, ser livre significava tanto não se submeter ao poder do outro quanto não ser escravo das próprias paixões e instintos, vale dizer. Nem tirano, nem escravo, o cidadão livre deveria saber usar os prazeres, mas não renunciar a eles e negar-se a si mesmo. Daí um intenso trabalho de

² Vejam-se nessa direção as discussões de Todd May, Saul Newman, Edson Passetti, Salvo Vaccaro sobre as relações entre anarquismo e pós-estruturalismo.

³ Cf. Foucault (1984).

⁴ Cf. Rago (2006).

escultura de si, que envolvia inúmeras tecnologias do eu, como meditação, reflexão, leitura, escrita de si, exercícios corporais, dietas, entre inúmeras outras “práticas da liberdade”, inclusive a constituição de relações de amizade.

Herdeiros dos antigos, o temada criação de um estilo de vida revolucionária, isto é, de uma vida que testemunhava as próprias convicções éticas e políticas, que deveria ser vivida como “escândalo da verdade” foi dominante para os anarquistas do século XIX, como insiste Foucault, ao abordar o tema da “parresia”, isto é, da “coragem da verdade” em situação de perigo e risco (Foucault, 2011, p. 162). Dentre as inúmeras técnicas de constituição da subjetividade libertária, a prática da coragem da verdade figurava como uma das mais importantes: o anarquista deveria ter coragem de expressar seu pensamento livremente, mesmo correndo o risco de ser preso ou deportado pelo poder político.

Nessa mesma direção, ao analisar a experiência histórica dos anarquistas também a partir de referências foucaultianas, o sociólogo argentino Christian Ferrer destaca a importância que tinha para os libertários a criação de uma ética do “homem livre”, capaz de promover um modelo de conduta que exigia integridade e firmeza interior. Segundo ele, cada anarquista deveria ser um exemplo de vida íntegra, coerente, honrada e virtuosa. Em suas palavras: “Em cada vida se realizava, mediante práticas éticas específicas, a liberdade prometida.” (Ferrer, 2004, p. 17). Em seu texto, Ferrer mostra as inúmeras maneiras pelas quais os anarquistas procuravam formar o “homem novo”, desde a criação das escolas racionais às bibliotecas populares até a discussão política ou atividades artísticas realizadas nos centros culturais, ou ainda, a defesa da desobediência civil diante dos poderes hierárquicos e do Estado.

Essas reflexões são importantes, a meu ver, porque ajudam a olhar diferentemente para os Fabbri, para Malatesta e para muitos outros revolucionários/as e perceber que a forma da militância que desenvolveram conectava política e subjetividade, ao contrário de outros grupos políticos de esquerda, que pregavam o esquecimento de si e a anulação do próprio eu na militância revolucionária. No caso dos anarquistas, em geral, muito mal compreendidos pelo menos até os anos de 1970, o trabalho político era pensado também como atividade ética, pois visava à construção de vidas exemplares, livres e temperantes, próximas do sentido que lhes conferiram os antigos gregos. Também nessa área, na construção dessas pontes entre subjetividade e política, Luigi e Luce trouxeram contribuições muito valiosas. Um dos meios utilizados nesse trabalho foi a criação de uma imprensa libertária, na América do Sul.

***Studi Sociali* e a luta antifascista**

Fugindo do fascismo italiano, no final dos anos de 1920, a família Fabbri embarca clandestinamente num navio que se dirigia à América do Sul e refugia-se no Uruguai, onde passa a trabalhar ativamente na luta antifascista. Luigi já havia acumulado uma larga experiência enquanto militante e jornalista, trabalhando em inúmeros jornais libertários da Itália, como o *Agitazione*, *Umanità Nova* e *Il Pensiero*. Como crítico ferrenho do poder, havia escrito críticas contundentes ao processo de centralização do poder que marcava a Revolução Bolchevique, em *Dictadura y Revolución* (1920); havia também analisado a emergência do fascismo em seu país, no livro *La Contra-Rivoluzione Preventiva* (1921). Em Paris, havia publicado o jornal *Lotta Umana*, com Ugo Fedeli e Camilo Berneri, motivo suficiente para sua expulsão desse país. Assim, incansável em sua combatividade, logo que chega a Montevidéu, organiza um núcleo político em torno da revista *Studi Sociali*, do qual também participa Luce, além de enviar inúmeros artigos para o periódico libertário *La Protesta*, de Buenos Aires. Documentando essa experiência, Luce recorda:

Desde 1930 publicávamos uma revista - *Studi Sociali* - destinada fundamentalmente a imigrantes italianos na América e na França, que, com alguma interrupção, saiu até 1946. Depois da morte do meu pai, a redação, a correção das provas, a copinação, o envio dos exemplares, os pacotes ficaram ao meu encargo. Meu companheiro e minha mãe me ajudavam. A revista se sustentava com a colaboração econômica dos operários e refugiados de distintas partes da América, especialmente dos Estados Unidos e Argentina. Faziam piqueniques, por exemplo, e enviavam os cheques por três dólares, ou cifras próximas (Rago, 2001, p. 135).

A publicação de *Studi Sociali* permitia reunir vários militantes políticos, entre os quais se encontravam outros refugiados anarquistas italianos, que já haviam atuado com Luigi na *Lotta Umana*, em Paris. Possibilitava também estabelecer contatos com todos os militantes envolvidos na luta antifascista, na América Latina e em muitos outros países. Assim, correspondia-se com *L'Adunata dei Reffrattari*, publicada desde 1922, em Nova Iorque, dirigida por Oswaldo Meraviglia e Max Sartin (Rafael Schiavina) e *Il Martello*, também de Nova Iorque; com *Germinal*, de Chicago; com *Il Risveglio Anarchico*, de Genebra; com *Lotta Anarchica*, de Paris; e com *Guerra di Classe*, de Bruxelas. Dos 2.000 exemplares editados a cada tiragem, a maior parte era enviada aos Estados Unidos e à França, depois para a Suíça, Bélgica, Austrália e Holanda, circulando ainda na Argentina e no Brasil. Quanto a este país, Luce informa que circulava na colônia italiana:

[...] recebia-a, por exemplo, Garavini no Rio, em algum lugar está a lista dos nomes que serviam para a edição. Poderia reconstituir todo o público de *Studi Sociali* no Brasil, todos os grupos italianos no Brasil, anarquistas italianos e também brasileiros. Não me recordo se o recebia a Maria Lacerda (de Moura), creio que sim, porém não estou segura (Rago, 2001, p.135).

Colaboravam nela direta e indiretamente libertários como Luigi Bertoni, Camilo Berneri – morto pelos estalinistas em Barcelona, em maio de 1937 –, Diego Abad de Santillan, Hugo Treni, o tipógrafo emiliano Torquato Gobbi, Lino Barbetti, Salvatore Cortese, Max Nettelau, Rudolf Rocker, além da única mulher, Luce, que também assinava seus artigos como Lucia Ferrari (Gianni, 1986, p.120). E, sobretudo, aí publicavam-se muitos textos de Malatesta, que, por essa ocasião, poucos anos antes de sua morte, em 1932, sofria violentas perseguições e humilhações do regime fascista italiano. Muito preocupado em preservar os importantes escritos do amigo, publicados em antigos jornais como *L'Agitazione*, de Ancona, que se tornavam cada vez mais difíceis de encontrar em função da conjuntura internacional, Luigi tratou de compilá-los e de republicá-los na revista *Studi Sociali*. Ademais, valorizava-os pelo valor intrínseco que possuíam para a propaganda das ideias anarquistas e para a discussão dos problemas da organização.

Vale destacar, mesmo que brevemente, as múltiplas frentes de atuação política que a revista *Studi Sociali* abre: aprofunda o debate de temas anarquistas; corresponde-se com toda a imprensa antifascista da França, da Espanha e dos Estados Unidos; divulga e discute os livros anarquistas publicados; aborda questões políticas, sociais e culturais da atualidade; recebe colaborações de companheiros, versando sobre vários temas como a questão agrária na Sicília, a Guerra Civil espanhola, problemas teóricos e táticos da luta cotidiana e a situação política europeia e sul-americana. Acima de tudo, promove a resistência e impulsiona a luta antifascista. Mas, nessa fase, a preocupação central da revista era “o tema da imediata unidade de ação com fins insurrecionais”, como diz Clara Aldrighi (Rago, 2011, p. 134).

Toda essa circulação de ideias certamente não passava indiferente às forças da repressão, na Itália, na Argentina e no Uruguai. Em 31 de julho de 1930, a Embaixada italiana de Buenos Aires enviava à polícia de Roma e de Ancona um telegrama, em que registrava:

A revista anarquista “Studi Sociali”, da qual Fabbri é diretor, sai periodicamente e começa a ter uma discreta difusão nesses grupos anarquistas, enquanto que diversas cópias, informam-me, são enviadas a companheiros domiciliados na América do Norte, em diversos países da Europa e em outras localidades do exterior (Rago, 2001, p. 136).

Do lado de lá, vigilante, a polícia controlava suas atividades no Uruguai, Argentina e Itália. Num comunicado enviado pelo Ministério do Interior de Roma ao Ministério de Assuntos Exteriores, em 16 de maio de 1935, tendo como “objeto” a “anarquista formada em belas letras”, reitera-se que embora não tenha precedentes políticos na Itália, “no exterior, seguindo as teorias do pai, tem-se dedicado a uma ativa propaganda anarquista tanto em Montevideu quanto na Argentina, onde se desloca freqüentemente para dar conferências de cunho antifascista” (Rago, 2001, p 145).

Três anos depois, a polícia continua a vigilância sobre os anarquistas. No telegrama datado de 8 de julho de 1938, do Ministério de Assuntos Exteriores, no Casellario Politico Central de Roma, lamenta não ter conseguido uma cópia do jornal anarquista *Studi Sociali*, mas informa que é

[...] impresso na Ditta Claridad - Plaza Libertad 1137, redatora e administradora é a conhecida anarquista Luce Fabbri (Casilla de Correo 141); gerente responsável é Homero Amoroso - Calle Ejido 1412. O segundo não tem precedentes políticos entre nós, enquanto que a primeira tem sido objeto de correspondências anteriores com o R. Ministerio do Interior (Casellario Político Central) (Rago, 2001, p. 145).

A produção da revista mobilizava toda uma rede de solidariedade, que se afirmava desde o interior da casa, com a colaboração de Luce, da mãe Bianca Sbricoli e, mais tarde, do companheiro Ermácora Cressatti, assim como de outros companheiros e tipógrafos que viviam em Montevideu. Segundo Luce:

Na gráfica onde se imprimia *Studi Sociali* havia certo vínculo afetivo, havia tipógrafos que haviam aprendido o italiano compondo os artigos de meu pai e o compunham muito bem. Depois que ele morreu, passei a fazer o que ele costumava fazer: entregava aos linotipistas este material, me mandavam a primeira prova de galera para corrigir, eu devolvia corrigida, voltavam a mandar a segunda prova de galera, e depois com a segunda prova de galera, diagramava [...] minha mãe me ajudava na paginação e meu companheiro, sobretudo, na tarefa de envio pelo correio (Rago, 2001, pp. 136-137).

Examinando o primeiro número da revista, destaco a apresentação de um artigo programático, em que Luigi Fabbri faz uma declaração de intenções e explica como vê o anarquismo:

Nós somos anarquistas, mas para nós “anarquia” não significa ter por programa o não ter programa. Temos um programa: sustentar e desenvolver certas ideias, criticar e combater outras; defender e desenvolver os métodos de luta que cremos úteis e mostrar porque não apoiamos outras; aconselhar

aquilo que nos parece o bem, desaconselhar o que parece um mal (Rago, 2001, p. 137).

Já naquela ocasião, a crítica da verdade única e absoluta emerge frequentemente na escrita do libertário:

O anarquismo em seu conjunto, salvo alguns eixos fundamentais comuns a todas as suas correntes, - que pode em substância se reduzir à negação de toda autoridade coercitiva e violenta do homem sobre o homem - não é e não pode ser uma só coisa, com unidade de critérios e métodos. Em seu seio há lugar para todas as atividades multiformes do pensamento e das ações anti-autoritárias, nenhuma das quais sem direito ao monopólio do nome e do movimento da anarquia. A anarquia como tendência geral de idéias não pode ter uma unidade de endereço na propaganda e na luta prática hoje, como não poderá tê-la em suas realizações num futuro mais vasto [...] (Rago, 2001, p. 137).

Em 1935, Luce e os companheiros são surpreendidos com a morte de Luigi. Então com 27 anos, ela fica acamada por seis meses, resistindo com dificuldades ao violento golpe. Se ao menos ele tivesse sobrevivido para ver as conquistas da Revolução Espanhola, a socialização dos campos, a autogestão nas fábricas, o clima revolucionário nas cidades e em todo o país, imagina ela, “teria sofrido muito ao ver a derrota, porém, essa prova de que as idéias que sempre teve são vitais, que têm uma aplicação prática e que as pessoas as sentem e as aplica, isso lhe teria feito muito bem.” (Rago, 2001, p. 138). A Revolução Espanhola, que dura de 1936 a 1939, com experiências de coletivização dos campos, de autogestão nas fábricas, de reforma dos serviços médicos e hospitalares, entre outras importantes experiências libertárias afirma-se, então, em suas memórias, como vitória, como prova incontestável de que os ideais utópicos promovidos pela doutrina anarquista seriam possíveis, se desejados e apoiados mais amplamente.

Escritas de si e do outro

Na biografia do pai, que publica em 1996, Luce afirma, em determinado momento, que sua juventude, seu entusiasmo, a descoberta da cidade, suas experiências como estrangeira e como militante, as possibilidades que via abrirem-se para ela e sua família, no Uruguai, de certo modo, impediram-na de perceber, nos dias posteriores à chegada em Montevideú, o abatimento moral que se produzia em seu pai. Como que fazendo um acerto de contas

com o passado, ela parte em busca das possíveis explicações de sua doença e morte, procurando recapitular os últimos acontecimentos familiares e sociais, internos e externos, locais e internacionais, que poderiam tê-lo afetado tão intensamente. Não eram apenas as dificuldades econômicas por que passavam, a distância do filho querido Vero, que ficara na Itália e da própria terra natal que o entristeciam. “As cartas de Malatesta traziam notícias cada vez menos reconfortantes, apesar de seu obstinado otimismo, sobre sua saúde. Papai temia pelo amigo, que era um pai para ele” (Fabbri, 1996, p. 195).

Além do mais, as notícias relativas ao próprio movimento anarquista em outros países, não apenas na Argentina e no Brasil, mas também nos Estados Unidos eram desalentadoras. O totalitarismo se fortalecia e se expandia mundialmente. Luce recorre longamente a um artigo escrito por Luigi para o número 16 da revista *Studi Sociali*, de 10 de janeiro de 1932, em que reconhece que ele mesmo já havia se referido, mesmo que metaforicamente, à ferida interna que o consumia: “mas a ferida que o fascismo abriu no íntimo de nosso ânimo sangra sempre como nos últimos meses em que vemos com nossos próprios olhos o assassinato a ferro e fogo das últimas liberdades do povo italiano” (Fabbri, 1996, p. 195).

O quadro explicativo que Luce passa a construir se torna ainda mais dramático quando traz a última informação dilacerante: alguns meses depois, ainda em 1932, Elena Melli envia um telegrama a Luigi, informando da morte de seu companheiro Malatesta. Segundo Luce: “Ali, de todas as partes lhe escreviam pedindo-lhe artigos sobre Errico. Ele o havia conhecido e amado melhor do que qualquer outro; era um ‘especialista’ sobre ele” (Fabbri, 1996, p. 197).

A amizade que Luigi dedicava ao companheiro revolucionário, a admiração que sentia pelo político e intelectual leva a pensar nos vínculos afetivos e de solidariedade que unem os que apostam na construção de novos mundos, pautados pela justiça social, igualdade, liberdade e solidariedade, em sucessivas gerações. Reproduzo um trecho das páginas em que Luigi escreve sobre o grande mentor e amigo Malatesta e em que narra como o conheceu. Destaco o momento em que lamenta as dificuldades de encontrarem-se, já que um vive sob o fascismo na Itália, sofrendo todas as represálias e perseguições do terrorismo de Estado, enquanto o outro, por isso mesmo, precisa exilar-se no Uruguai. No final do texto, Luigi refere-se ao difícil e doloroso momento da separação definitiva de Malatesta:

Ele sofria então com a minha partida e me aconselhava a ficar na Itália,

embora reconhecendo que as razões que me impulsionavam a ir-me eram sérias e fortes. A recordação daquele conselho sempre reabre em mim a ferida de um remorso dilacerante, mesmo quando, mais tarde, me escreveu várias vezes dizendo que eu havia agido bem, que seu conselho se baseava em previsões que não se haviam realizado etc. Apesar de tudo, me assalta frequentemente a dúvida de se teria sido melhor ficar, eu e tantos outros... Quem sabe! Contudo, ele não se despediu do modo como se despede de alguém que vai para longe e a quem talvez não se voltará a ver. Muito pelo contrário. Acompanhou o abraço da separação com uma única palavra, aquela que o inquebrantável otimismo lhe fazia brotar do coração, como se a separação fosse apenas de um dia e as portas da Itália tivessem de voltar a abrir-se, em breve, para todos os prófugos que perambulam pelo mundo: 'Até à vista!'. Passaram-se mais de sete anos! Não tornamos a ver-nos e já não nos tornaremos a ver! Maldição aos tiranos que nos separaram para sempre e que nos impedem o amargo consolo de lançar uma flor sobre sua tumba (Fabbri, Luigi, 1945, p. 17).

A saúde de Luigi agrava-se doravante, juntamente com o fechamento político no próprio Uruguai. Vários companheiros são expulsos do país, enviados pelo governo à Itália de Mussolini, enquanto que o velho amigo Torquato Gobbi, em crise, questiona cada vez mais as possibilidades de construção de uma sociedade sem Estado. Em 1935, Luigi falece.

Olhando retroativamente para as lutas incessantes do pai, Luce vê sua vida nesse momento como um descenso contínuo, uma amargura progressiva, uma perda de esperanças ante um céu que escurecia, a culminar com a morte de Malatesta, em 1932 e com a de seu pai, três anos depois. Diz ela:

Ambos se foram no momento mais sombrio da história da Europa, quando a derrota da liberdade parecia total e profunda e o ressurgimento não se vislumbrava ainda. Quando a Espanha abriuimprovisadamente essa grande porta para o futuro, já fazia um ano que Luigi Fabbri tinha morrido, levando consigo a visão amarga do triunfo de Hitler e da guerra da Etiópia. Este livro, - a biografia de Malatesta - foi seu último trabalho e representa o fruto sistematizado de duas vidas, densas de ação e de pensamento (Fabbri, Luce, 1945, p. 336).

As colocações que Luce faz sobre a profunda devoção que Luigi tinha por Malatesta podem ser transferidas para ela, mesmo que diferenciemos os afetos: a amizade libertária entre os dois revolucionários, de um lado; a ligação fortíssima entre pai e filha, de outro. Fazer a biografia do amigo, sua última obra, parece ter sido um meio estratégico a que Luigi recorre para consolar-se, tornando-o próximo pela escrita, estabelecendo uma “comunhão espiritual”

com ele, interpreta ela. Pensei no significado da biografia que ela mesma fez do pai muito recentemente e do reconforto que lhe trazia evocá-lo, reler seus artigos e cartas, trabalhar suas ideias e tocar em seus pertences anos a fio. Reconstituir historicamente sua vida, organizá-la ano após ano, estabelecer sua trajetória num *continuum* temporal foi, para Luce, uma maneira de preservá-lo e de protegê-lo, garantindo sua eternidade na memória. A vontade de mantê-lo vivo era, aliás, tão forte que, em um determinado momento do livro, ela imagina o mundo que ele teria encontrado se tivesse sobrevivido à Segunda Guerra Mundial e à explosão da bomba de Hiroshima, o que na verdade expressa seu profundo desejo de estar com o pai, mas também uma enorme generosidade em termos do que gostaria que lhe tivesse ocorrido. Neste trecho dramático, lamenta, então, a crueldade do destino:

Ele teria voltado à Itália em 1945 e teria completado seu ciclo vital na atmosfera que era a sua, esquecendo os dilaceramentos e a amargura do longo exílio. Na verdade, o destino foi cruel com ele, fazendo-o morrer num ano em que tudo parecia perdurar por não se sabe quanto tempo, enquanto que apenas um ano depois, o povo espanhol dava ao mundo este magnífico exemplo de resistência ao fascismo, acompanhado de tanto fervor de iniciativa pela construção de um novo sistema de vida, próprio no sentido desejado por ele (Fabbri, 1996, p. 208).

Mais do que isso, afirma-se a convicção de que deveria reunir forças para continuar o trabalho iniciado pelo pai e do qual ela já participava ativamente. “Eu tinha que seguir, evidentemente, meu primeiro dever quando morreu meu pai era seguir com esta publicação, mas tinha muito trabalho no ensino, era imprescindível para seguir vivendo e foi muito difícil [...]”

Desdobramentos

Daí em diante, Luce investe como nunca para prosseguir a obra do pai, exigindo de si mesma o máximo possível. Se a ponte entre ambos já estava solidamente construída, a dor da separação física não faz mais do que intensificar essa relação de profundo amor e amizade. Luce continua e desdobra a obra e as lutas de Luigi, insistindo naqueles pontos que ela sabia serem fundamentais para o pai libertário: a luta antifascista, com a publicação de *Studi Socialie* posteriormente de outros periódicos, como o *Opción Libertária*, que funda em 1986, juntamente com seus companheiros uruguaios ligados ao “Grupo

de Estudos e Ação Libertária” (GEAL), de Montevideu; a crítica teórica ao totalitarismo, em que Luce desdobra as teses de *A contra-revolução preventiva*, nos vários artigos e livros que publica; a definição e reatualização do anarquismo, como aparece desde seu livro *La Strada*, de 1952, traduzido para o espanhol e, mais recentemente, para o português, como *O Caminho*. Fundamentalmente, seu esforço continua até sua despedida, em 2000, na luta pela construção de uma ética da liberdade e da solidariedade como uma experiência e um estilo de vida para a nossa atualidade.

Recebido em 02/02/2012. Aprovado em 15/03/2012.

Referências

- FABBRI, Luce. **Luigi Fabbri, storia d'un uomo libero**. Pisa: Biblioteca Franco Serantini, 1996.
- _____. Entrevista. **Rivista Anarchica**, Milão, ano IX, n. 7, out.1981.
- FABBRI, Luigi. **Dittatura e Rivoluzione**. Ancona: Liberia Editrice Internazionale G. Bitelli, 1920.
- _____. **La Controrivoluzione Preventiva**. Bolonha: s/e, 1921.
- _____. **Malatesta**. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1945.
- FERRER, Christian. Átomos Suetos: vidas refractarias, In: **Cabezas de Tormenta**. Ensayos sobre lo Ingovernable. La Rioja: Pepitas de Calabaza Ed., 2004, pp.13-43.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II** -O uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. **A Coragem da Verdade**. O Governo de Si e dos Outros II. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MAROCCO, Gianni. **Sull'altra sponda del Prata**. Gli Italiani in Uruguay. Milão: Ed. Franco Angeli, 1986.
- MAY, Todd. **The Political Philosophy of Poststructuralist Anarchism**. Philadelphia: PA: Penn State Press, 1994.
- NEWMAN, Saul. **The Politics of Post Anarchism**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010.
- PASSETTI, Edson. **Éticas dos amigos: invenções libertárias da vida**. São Paulo: Imaginário/Capes, 2003.
- RAGO, Margareth. **Entre a História e a Liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo**. São Paulo: Editora da Unesp, 2001.

_____. Mujeres Libres: anarco-feminismo e subjetividade na Revolução Espanhola. **Verve**, Revista do Nu-Sol. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, PUC, São Paulo, n.7, pp.132-152, 2004.

_____. Narcisismo, sujeição e estéticas da existência. **Verve**, Revista do Nu-Sol. Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, PUC, São Paulo, n.9, pp. 236-249, 2004.

VACCARO, Salvo. Foucault e o anarquismo. **Margem**, PUC, São Paulo, n. 5, pp. 158-170, 1996.